

ELEIÇÕES NOS EUA. Quem Venceu e Quem Perdeu na Melhor Democracia que o Dinheiro Pode Comprar

By [Edu Montesanti](#)

Global Research, November 14, 2016

10 November 2016

“Se eu tiver que concorrer [à Presidência dos EUA], concorreria pelo Partido Republicano. Eles são o grupo de votantes mais burro do País. Acreditam em qualquer coisa da Fox News. Eu poderia mentir, e eles engoliriam.

Aposto que meus números [de votação] seriam fantásticos”, Donald J. Trump, outubro de 2015

Pouco depois da metade das apurações dos votos, quando já se desenhava a arrasadora vitória do candidato republicano à Casa Branca, Donald J. Trump, os grandes meios de comunicação norte-americanos, panfletários da candidata Hillary Clinton, claramente perdiam o entusiasmo: podia-se ler em meios como CNN e *The New York Times*, Mercados globais afundaram, moedas se hostilizam e o ouro sobe, e Mercados em turbulência por causa da forte exibição do Republicano, respectivamente.

O mesmo mercado financeiro que aumentou nos últimos meses “doações” aos meios de comunicação e à própria “campanha” de Clinton estão alarmados. Os mesmos meios que ressoavam “pesquisas eleitorais” apontando a ex-secretária de Estado do atual presidente Barack Obama como vencedora com folga durante toda a “campanha presidencial”, diziam-se surpresos por vitórias já consolidadas, e previsões de mais vitórias do candidato republicano especialmente nos chamados *battleground states*, ou estados de batalha campal (aqueles que são historicamente decisivos pelo tamanho do Colégio Eleitoral).

E para fechar com chave de ouro essa pobre “festa da democracia”, pastelão versão estadunidense, Hillary Clinton recusou-se a seguir a tradição, e fazer discurso pós-apuração independente do resultado; saiu pela porta dos fundos diante de uma mídia predominante que se dizia abertamente “chocada” com a vitória do republicano.

Se já não bastassem a profunda ausência de propostas concretas e a baixaria pessoal que marcou (na realidade, acentuou-se) nesta nesta “campanha”, as “pesquisas” acabaram também se mostrando rendidas às leis do mercado na República de Bananas, que se autodenomina “berço da democracia global”. Acrescente-se também: se não bastassem as evidências históricas de que o próprio sistema eleitoral, nas últimas décadas computadorizado, é tão vendável quanto a melhor democracia que o dinheiro pode comprar em pleno Império dos aloprados.

“Trump surpreendeu o mundo!”, tem sido as manchetes. Pois quem questiona a “democracia” e o “avanço”, humano e tecnológico do moribundo Tio Sam, precárias lendas cada vez mais difíceis de serem sustentadas, evidenciadas em mais este grotesco “equivoco” das “pesquisas eleitorais”?

Quem Venceu e Quem Perdeu, Dentro e Fora do Império dos Aloprados

A gravidade da crise política norte-americana, que se atreve a enviar observadores a eleições ao redor do mundo, vai muito além do sexo oral de Monica Lewinsky ao esposo da presidenciável democrata derrotada neste dia 8 de novembro em plena Casa Branca (em hora de serviço), ou das afirmações de Trump que, a contragosto das mulheres (ainda que ilustres desconhecidas), as cumprimenta com um “toque” em suas partes mais íntimas.

A maioria dos próprios norte-americanos se diz avessa a ambos os candidatos, votando em um ou outro muito mais por apatia ao adversário. Quem é o menos nocivo no Império em decadência? Pois é.

Trump traz a seu favor disposição ao dialogo com a historicamente temida Rússia, ao invés de confronto como pretendia a rival e contrariando o terror psicológico provocado pela mídia de imbecilização das massas globais na tentativa de demonizar o presidente russo Vladimir Putin, através das velhas manipulações de sempre que ainda insistem em embaralhar a consciência dos mais desavisados.

Ao menos retoricamente, Trump também promete diminuir gastos militares do Império mais belicista e genocida da história, que retira dos investimentos sociais tais como moradia, saúde e educação para espalhar bases militares e despejar armas aos seus fantoches mundo afora, além de revisão da utilização norte-americana da OTAN a fim de intervir e guerrear internacionalmente. Tudo isso - ao menos retoricamente e o futuro aguarda confirmar ou desmentir o imprevisível magnata - em contraposição à “democrata” dos Estados Unidos da América, quem liderou a invasão à Líbia, apoiou aumento dos confrontos na Síria e, na década de 2000 como senadora, votou a favor da invasão ao Iraque, que, criminosa, sanguinária e apoderadora dos recursos naturais e das empresas locais, contrariou decisão da ONU e de todas as evidências de que Saddam Hussein não possuía bombas de destruição em massa, e que nada o ligava à Al-Qaeda como afirmavam os esquizofrênicos xerifes do planeta, tomadores de decisão de Washington.

Por outro lado, certamente venceram o racismo e do preconceito indiscriminado - evidenciado no combate à imigração (cuja histeria garante construção de grande muro separando os EUA do México, aos muçulmanos na promessa de proibir entrada dos religiosos ao País e ainda aumentar a vigilância e mesmo expulsar os que já habitam entre fronteiras norte-americanas) e ao próprio sexo feminino -, venceu a violência interna através do próprio racismo contra negros, latinos e ativistas por direitos humanos cujo apoio ao uso da repressão aumentará a dose de Estado policialesco que impera no Império dos “mais ingênuos” (para dizer o mínimo).

Tal conteúdo de péssimo gosto, que retrata o ódio e a histeria levados à últimas consequência na América “livre e próspera”, também contraria o de Clinton - sobre esta, tampouco se sabe o quanto foi sincera dado o contexto de suas “ideias” e as próprias mudanças oportunistas em seus discursos, uma infinidade de contradições, certamente, a fim de ganhar maior eleitorado.

Trump também aposta na diminuição do Estado: promete desfazer o *Obamacare* (programas de saúde acessíveis às classes menos favorecidas); Estado que a adversária, contrariando seu próprio discurso histórico e os interesses de seus principais doadores milionários de campanha como Wall Street, colocava na agenda fortalecer. O que é “curioso”, para não dizer mesmo mais uma entre as calamitosas contradições desta

“campanha”, é o fato que Trump promete atingir os mesquinhos e corruptos interesses das grandes corporações, por exemplo taxando grandes fortunas.

No caso do fortalecimento da indústria bélica que leva a “política” exterior (para se utilizar dos eufemismos midiáticos para crimes internacionais) coercitivo-expansionista norte-americana, há fortes motivos para desconfiar do novo ocupante da Casa Branca: tudo isso também contraria o contexto de seu discurso e de sua personalidade.

Uma coisa parece certa: longe de ser psicopata decidido, frio e calculista como a adversária, abertamente belicista, o tão fanfarrão quanto ambíguo, completamente imprevisível Trump parece ser o homem perfeito para pavimentar o caminho rumo ao declínio ainda maior da hegemonia global dos Estados Unidos – má notícia à classes dominantes locais e as elites-fantoches internacionais, comedoras de migalhas de Tio Sam.

O menos catastrófico venceu, ao menos pela imprevisibilidade de sua agenda em comparação à bem conhecida da opositora. Neste ponto, por ira venceu especialmente considerando as sociedades globais que têm sofrido histórico boicote às democracias locais como o próprio Brasil. E menos catastrófico para os próprios norte-americanos, se considerados aqueles que acreditam que o mundo não precisa da imposição da força em nome da defesa de interesses dos Estados Unidos, como dizia a própria Hillary Clinton: “Sem nós, o mundo não pode fazer nada!”.

Por isso tudo, o mais catastrófico para a tentativa de salvação da hegemonia global dos Estados Unidos pode também ter vencido neste dia 8 de novembro. Wall Street e seus patéticos porta-vozes da grande mídia de desinformação sabem bem disso. Mas qualquer dos dois seria, em geral, grande golpe à democracia local que precisaria, desesperadamente, desfazer-se do Estado policialesco, da intolerância e do ódio.

Eis o grande momento para a afirmação do mundo multipolar, lamentavelmente sobre a acentuação da desgraça democrática e na falência moral e intelectual norte-americana, subprodutos de um sistema excludente por natureza que se julga capaz de tudo comprar e corromper.

Edu Montesanti

edumontesanti.skyrock.com

Publicado originalmente em Pravda

The original source of this article is Global Research
Copyright © [Edu Montesanti](http://EduMontesanti.com), Global Research, 2016

[Comment on Global Research Articles on our Facebook page](#)

[Become a Member of Global Research](#)

Articles by: [Edu Montesanti](#)

Disclaimer: The contents of this article are of sole responsibility of the author(s). The Centre for Research on Globalization will not be responsible for any inaccurate or incorrect statement in this article. The Centre of Research on Globalization grants

permission to cross-post Global Research articles on community internet sites as long the source and copyright are acknowledged together with a hyperlink to the original Global Research article. For publication of Global Research articles in print or other forms including commercial internet sites, contact: publications@globalresearch.ca

www.globalresearch.ca contains copyrighted material the use of which has not always been specifically authorized by the copyright owner. We are making such material available to our readers under the provisions of "fair use" in an effort to advance a better understanding of political, economic and social issues. The material on this site is distributed without profit to those who have expressed a prior interest in receiving it for research and educational purposes. If you wish to use copyrighted material for purposes other than "fair use" you must request permission from the copyright owner.

For media inquiries: publications@globalresearch.ca